



TRABALHO E RELIGIÃO: O PAPEL DA MULHER NA SOCIEDADE FARAÔNICA

Glória Maria D. L. Pratas

“Não se nasce mulher, torna-se mulher”.

Simone de Beauvoir

RESUMO: A descrição das mulheres egípcias como um grupo detentor de direitos iguais aos dos homens ainda é muito comum na literatura. Apesar da contestação de vários estudiosos quanto a isso e a vários fatores, ou polêmicas à parte, as mulheres do Egito gozavam de uma situação jurídica e social privilegiada, se comparado a outras civilizações antigas, conforme os documentos analisados. Mas, afinal, qual era o verdadeiro papel da mulher na sociedade faraônica? O que mudou – se mudou – nos tempos atuais? Esses e outros questionamentos poderão ser conhecidos e vistos imagetivamente, neste artigo, acerca da mulher pertencente a uma sociedade cujo país é envolvido por mistérios e descobertas históricas que atravessam eras. **Palavras-chave:** Trabalho, religião, gênero, Egito Antigo, arte egípcia, sociedades antigas.

WORK AND RELIGION: THE ROLE OF WOMEN IN PHARAONIC SOCIETY

ABSTRACT: The description of Egyptian women as a group holds equal rights with men is still very common in the literature. Despite the opposition of various scholars on the subject of equal rights and a number of factors or polemics aside, the women of Egypt enjoyed a privileged legal and social situation compared to other ancient civilizations as the documents analyzed. But ultimately, what was the true role of women in pharaonic society? What has changed in modern times? These and other questions can be known and imagery seen in this article about woman belonging to a society whose country is surrounded by mysteries and historical findings that cross eras. **Keywords:** Work, religion, gender, Old Egypt, Egyptian art, old societies.

* É graduada em Teologia e Mestre em Ciências da Religião na área de Bíblia (Antigo Testamento), pela Universidade Metodista de São Paulo.

RESUMEN: La descripción de las mujeres egipcias como un grupo tiene los derechos de igualdad con los hombres sigue siendo muy común en la literatura. A pesar de la oposición de varios estudiosos sobre el tema de la igualdad de derechos y una serie de factores, o polémicas a parte, las mujeres de Egipto gozaba de una privilegiada situación jurídica y social en comparación con otras civilizaciones antiguas, de acuerdo a los documentos revisados. Pero en última instancia, ¿cuál fue el verdadero papel de la mujer en la sociedad faraónica? Lo que ha cambiado, ha cambiado en los últimos tiempos? Estas y otras preguntas puede ser conocido y visto imagetically en este artículo acerca de la mujer perteneciente a una sociedad cuyo país está rodeado de misterios y descubrimientos históricos que cruzan las épocas.

Palabras clave: Trabajo, la religión, el género, el antiguo Egipto, el arte egipcio, las sociedades antiguas.

Introdução

Durante séculos, estudiosos do Egito tentam reconstituir, cronologicamente, os reinados faraônicos que dominaram o mundo, estudando as inscrições históricas encontradas nas paredes tumbárias e em papiros. As inscrições estão em forma hieroglífica – um conjunto de sinais pictográficos criados pela civilização egípcia, que compõe um dos primeiros sistemas de escrita da humanidade. Os hieróglifos vão de simples desenhos coloridos, feitos em pedras, que retratam a natureza (seres vivos e objetos) até os desenhos revestidos em ouro que retratam a vida dos faraós nas pirâmides. O francês e egiptólogo Jean-François Champollion foi quem os decifrou, a partir de 1822, e um dos primeiros a perceber a sua importância.

É fato que se descobriu mais sobre a história egípcia por meio da morte do que da vida, decorada precisamente no esplendor das suas tumbas. Essa arte, considerada documento histórico, foi preparada e pintada nas paredes tumbárias, durante a vida de seus futuros ocupantes, retratando seus feitos, juntamente com a história peculiar da época. Os responsáveis por essa fascinante história, descrita em papiros e óstracos (fragmentos de cerâmica ou pedras que contêm palavras ou outras formas de escrita gravadas), de valor inestimável, foram os escribas.



Figura 1- Escrita hieroglífica.

Fonte: <http://www.infoescola.com/civilizacao-egipcia/hieroglifos/>

Ser escriba no Antigo Egito era algo sonhado por muitos jovens, de ambos os sexos, mas, segundo os estudiosos, restrito às mulheres. Os escribas eram os responsáveis por manter todo o funcionamento do sistema. Eram eles que registravam todos os acontecimentos do dia a dia de mulheres e homens da realeza ao campesinato; redigiam leis, efetuavam a contabilidade e informavam tudo o que estava certo, ou não, na sociedade egípcia.

A carreira de escriba tinha requisitos bem rigorosos. Os jovens precisavam saber ler e escrever com perfeição e ter conhecimento em matemática, arquitetura e do dia a dia – razão que limitava a participação de mulheres, preparadas para serem as “senhoras do lar”. As exigências eram muitas, mas eles recebiam diversas homenagens, além de serem bem pagos pelos serviços.

Segundo Baines e Malik,

Os relevos e as pinturas das tumbas proporcionam grande riqueza de materiais; embora apenas os membros da classe alta da sociedade fossem enterrados em tumbas amplas e decoradas. As cenas subsidiárias não deixam de proporcionar vislumbres da vida do povo simples. Vislumbres que são completados com modelos e objetos funerários, de uso cotidiano, que frequentemente fazem parte do equipamento fúnebre. Achados como esses são menos frequentes nas escavações de povoados (BAINES e MALIK, 2008, p. 190).

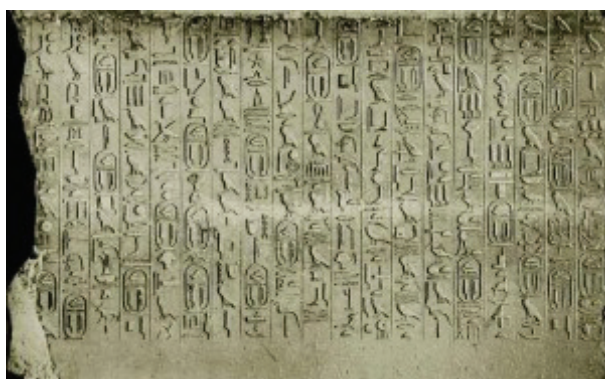


Figura 2 - Hieróglifos (Textos das Pirâmides) na parede da Pirâmide de Unas. Fonte: <http://antigoegito.org/?p=2316>

Nos relevos e pinturas analisados, a referência às mulheres, tanto na literatura como na representação artística, relata o universo feminino em seus afazeres domésticos como a tecelagem de linho, o artesanato, a preparação de cerveja e de pão, bem como nos trabalhos do campo. Elas também foram representadas como carregadoras de oferendas nas procissões e como “carpideiras”, cujas lamentações acompanhavam a dor da família durante o processo fúnebre. A maior parte das imagens femininas retratadas, que normalmente conhecemos, são da esposa de faraó que, de maneira estilizada, imortalizou a mulher egípcia.

Segundo os estudiosos, as egípcias conheceram um mundo em que lhes coube exercer o comando de um Império – como Nefertiti, Cleópatra e Hatshepsut (faraó), elevadas além do papel comum de esposa, mãe e trabalhadora. Vale lembrar que noventa por cento da sociedade egípcia era constituída por famílias de camponeses, mas encontrar registros da

vida desse grupo é raro, pois a realeza é que detinha poder econômico para registrar a história dessa sociedade, que sempre despertou uma curiosidade maior por seus mistérios e descobertas que marcaram eras.

Há contestações entre os estudiosos acerca do papel exercido pelas mulheres egípcias na era faraônica. Afinal, as mulheres egípcias eram ou não detentoras de direitos iguais aos dos homens? Christian Jacq (2000) atribui a elas um papel de destaque na sociedade, enquanto Gay Robbins (1996) mantém uma posição secundária, como a diferença de gênero na estrutura social egípcia.

Contudo, a presença da hierarquia nessa estrutura social fez com que boa parte desses documentos associe a mulher à esposa e companheira, à “senhora da casa”. Mas, qual era, realmente, o papel da mulher na sociedade faraônica? Seria apenas o de esposa e mãe? Será que esse papel ainda prevalece na atualidade?

Assim, contemplando um estudo voltado para a temática feminina, ao longo do período faraônico, buscaremos por meio desses vestígios do passado relatar e demonstrar, de forma imagética, um pouco do cotidiano feminino do Egito faraônico.

A sociedade do Antigo Egito

Normalmente, quando nos lembramos da história do Egito antigo, nos surgem à mente faraós, sacerdotes e imagens femininas pintadas ou estilizadas em estatuetas que retratam a beleza de Nefertiti, entre outras.

Porém, ao estudar a documentação desse período, encontramos uma estrutura hierarquizada, organizada por meio de critérios religiosos e econômicos, demonstrando que a mulher tem um estatuto próximo ao do homem.

O faraó ocupava o topo desta hierarquia, na condição de chefe de Estado e encarnação do deus Hórus. Logo abaixo, estão os sacerdotes, como agentes organizadores dos cultos e festividades religiosas. Os nobres e escribas ocupavam uma posição intermediária, realizando importantes tarefas que mantinham o funcionamento do Estado.

A base desta sociedade ainda contava com os soldados, que eram sustentados pelo governo e garantiam a hegemonia do poder faraônico por meio das armas. Logo abaixo, os camponeses e artesãos, que tra-

balhavam nas colheitas e na organização das obras públicas necessárias ao desenvolvimento agrícola e comercial. Por fim, havia uma pequena parcela de escravos que também estavam subordinados ao Faraó.

Nas sociedades antigas, como a egípcia, a divisão do trabalho coube aos dois sexos: ao homem foram designados a caça, a pesca e o trabalho pesado; à mulher, o cuidado com a casa, a família e o auxílio na coleta de frutos, evoluindo, posteriormente, para a cultura da terra.

Apesar da discriminação sofrida pelas mulheres ao longo da história, a figura feminina no Egito, se comparada a outras civilizações antigas, com certeza gozava de uma posição social e jurídica privilegiada. Os textos jurídicos encontrados tratam do casamento, da gestão dos bens, sem esquecer o divórcio, o futuro do patrimônio dos filhos e as questões de herança.

Morley e Salariya (1999, p. 34) fazem referência a essa questão: “as mulheres eram bem tratadas no antigo Egito. Elas podiam receber uma remuneração e ter propriedades”. Porém, elas não devem ser vistas como um grupo homogêneo, pois enquanto as da elite tinham amplos poderes legais, o mesmo não ocorria com as mais humildes (processo comum na maioria das sociedades). Contudo, para Morley e Salariya (1999) a lei egípcia reconhecia seus direitos e elas podiam ir aos tribunais reclamá-los se sentissem que estavam sendo tratadas de maneira injusta.

Na literatura, a distinção de gênero também foi marcada. As inscrições demonstram uma visão dual das mulheres: ou elas eram “honradas” – estavam em conformidade com as normas sociais (os textos sapienciais de todos os períodos deixam claro que a mulher era responsável pela casa e que seu dever era ter filhos), ou representavam “perigo” – quando não apresentavam essa conformidade. Já nos textos autobiográficos, o que vemos são referências às mulheres por meio de sua relação com os homens, ou seja, com seus maridos e filhos.

Apesar de se falar sobre igualdade, é fato que a mulher estava relegada, sob o ponto de vista legal, a uma posição secundária. A ela não cabia ocupar cargos administrativos e do governo, pois segundo os autores pesquisados, o papel principal da figura feminina era o de esposa e mãe, com exceção de algumas rainhas que governaram o Egito (como

último recurso pela falta de herdeiros do sexo masculino) e as da elite. Esse não foi o caso de Hatshepsut, que regeu o Egito como faraó, após tomar o lugar de direito de seu enteado. Entretanto, a representação das rainhas era, muitas vezes, acompanhada de barbas longas (símbolo de sabedoria) utilizadas, geralmente nas representações de faraó.

Mas, qualquer que seja sua posição social, segundo Salles (2006), a mulher é primeiramente uma dona de casa, que administra o cotidiano com seus imprevistos, vela pela manutenção corrente da casa, ocupa-se dos filhos, sem esquecer os pais idosos. Na alta sociedade, as esposas de funcionários administram a vida doméstica e, eventualmente, acolhem os hóspedes e preparam as festas. Como nas áreas rurais, a casa possui um bom número de criadas, cujos vínculos vão da liberdade à completa servidão.

Portanto, se não havia distinção de sexos, quanto à parte formal da sociedade, é notório, segundo Robins (1996, p.141), “que as mulheres ocuparam uma posição secundária em relação aos homens ao longo de toda a história antiga do Egito”.

Religião e casamento

O casamento no Antigo Egito era considerado importante para as mulheres, mas ainda há poucas informações, tanto sobre as cerimônias de casamento quanto sobre os processos judiciais de divórcio. Sabe-se que este não era sancionado pela religião. Bastava que um casal quisesse coabitar para que a união fosse aceita. Segundo Baines e Malik,

o status legal de um casal que vivia junto era diferente do de um casado. Existe até o testemunho de um homem, que foi acusado de ter tido relações sexuais com uma mulher que vivia com outro homem, mas que não era casada com ele, e parece que isso não era considerado crime. Apesar dessas instituições relativamente livres, o adultério de uma mulher representava, pelo menos em teoria, um grave crime. (BAINES e MALIK, 2008, p. 205)

Se a infidelidade feminina era malvista, ao homem era permitido ter outras esposas, além da “senhora da casa” (título de respeito), desde que possuísse uma posição econômica mais elevada (fato ainda presente na cultura e na religião).

Normalmente, os homens se casavam por volta dos dezessete ou dezoito anos e as mulheres, aos doze. O divórcio era simples e não necessitava de muito tempo para ser obtido. Entre os principais motivos de divórcios estavam os maus-tratos, o adultério e a infertilidade.

A esfera religiosa

Uma importante esfera da ação feminina era a religiosa. As egípcias foram iniciadas nos mistérios do templo, mas, na Época Baixa, o cargo de “Adoradora divina de Amon”, em Tebas, foi, em geral, ocupado por esposas ou filhas de faraó.

Fora de casa, mulheres da classe alta e que possuíam instrução desempenhavam um papel importante no culto religioso, podendo desenvolver a função de sacerdotisa (o que era considerado uma honra e não um trabalho), cantora ou dançarina. Porém, assim como as demais atribuições destinadas às mulheres, ao longo do tempo, tais funções no templo acabaram inferiorizadas (exceto as das mulheres da família real).

A palavra “religião” não existia na língua egípcia, pois sua cultura era impregnada de religiosidade. Era uma religião nacional, politeísta (com mais de duas mil divindades) e sem aspirações universais. O culto às divindades era o ponto principal e não a crença. Assim eles se preocupavam mais com a ortopraxia do que com a ortodoxia.

A crença na continuidade da vida para além da morte era, no princípio, um privilégio de faraó, mas após o Período Intermediário esse privilégio se estendeu para a população. Daí parte a concepção de mumificar o corpo para que ele não se danificasse para viver na outra vida. Em seus túmulos, eles colocavam tudo o que achavam necessário levar para a outra vida (móveis, joias, vestes, alimentos, animais de estimação, serviços etc). As pinturas retratadas nas tumbas eram um livro aberto dos seus feitos nesta vida e tinham poderes mágicos sobre o morto que se sentia feliz ao poder contemplá-las.

Segundo Budge (2003), não havia uma escritura sagrada, mas a preocupação para com os mortos, em sua passagem para o outro mundo, fez do “Livro dos Mortos” (em egípcio antigo “Livro de sair para a luz”) um tipo de “escritura”. Em seu conteúdo, há uma coletânea de feitiços, fórmulas mágicas, orações, hinos e litanias do Antigo Egito,

escrita em papiro e colocada no túmulo, junto às múmias. Esse livro preparava o morto para a sua “viagem”, afastando eventuais perigos do caminho.

Budge (2003, p.128) destaca que “a cerimônia para os mortos, ou Ritual de Embalsamento, durava dias e, conseqüentemente, era um processo que apenas a elite poderia arcar com os custos”. Em tempos mais antigos, descobriu-se que uma forma abreviada de ritual havia tomado o seu lugar. Sobre essa questão os estudiosos fazem uma abordagem geral, e não quanto ao gênero, mas fica claro que a questão socioeconômica era o fator primordial para um cerimonial de passagem.

Contudo, a ideia central do Livro dos Mortos concentra-se não na condição socioeconômica, mas no respeito à verdade e à justiça: apenas os seus atos seriam levados em conta, sem interferência de sua posição social ou de suas riquezas. A sorte do julgamento do morto dependia do valor de sua conduta moral. Encontramos essa ideia retratada num papiro em que Anúbis (Deus dos mortos, dos moribundos e guardião das necrópoles e das tumbas) pesa o coração do falecido.

Essa ilustração (vide figura 2) revela que, no julgamento de um morto, a pesagem da balança era feita contendo o coração do(a) falecido(a) em um prato e a “pena da verdade” em outro. Essa pena pertencia à consorte de Anúbis, Maat, a deusa da verdade. Caso o coração fosse mais pesado que a pena, sua alma era destruída para todo o sempre. Caso fosse mais leve, a pessoa poderia ter acesso ao paraíso e sua alma seria guiada por Anúbis até o seu destino.



Figura 3 - Papiro Egípcio retratando Divindades Egípcias num Funeral. www.thoth.eng.br/Figuras/funetary.jpg&imgrefurl

Havia, também, uma distinção quanto à retratação imagética dos personagens em sua coloração: os homens eram retratados com uma tonalidade acastanhada (eles trabalhavam a sol pleno) e a das mulheres amarelada (uma menor exposição ao sol, representando que sua vida era dentro do lar).

Os deuses poderiam ser antropomórficos (forma humana), zoomórficos (forma de animal) ou uma combinação de ambos. Contudo, os egípcios, em momento algum, acreditaram, por exemplo, que o deus Hórus, muitas vezes representado por um homem com cabeça de falcão, tivesse, de fato, aquele aspecto. A associação dos deuses com determinados animais relacionava-se com a atribuição ao deus de uma característica desse animal (no caso de Hórus, a rapidez do falcão).

Gênero e trabalho: um ponto de vista sobre a questão

Fontes indicam que, em meados do III milênio a.C. até o final do milênio seguinte, houve uma diminuição das oportunidades de trabalho fora de casa para as mulheres. Embora para o Reino Antigo possa se comprovar casos de mulheres – em número bem inferior ao de homens – que desempenhavam funções estatais, muitas vezes em posições de chefia, controlando bens e mão de obra, isso não ocorria no Reino Médio. Nesse período, as funções desempenhadas por mulheres, não pertencentes à família real, passaram a ser subalternas e a quantidade ínfima de mulheres escribas confirma sua ausência na burocracia.

Jaqueline Morley e David Salariya (1999) enfatizam essa ausência alegando que, sob o ponto de vista moderno, as mulheres, realmente, não tinham os mesmos direitos dos homens: “muitas eram bem-educadas, mas não eram treinadas como escribas e a maioria das carreiras era vetada a elas. Uma mulher poderia se tornar faraó, mas isso era extremamente raro”.

Há, porém, uma atividade que as mulheres de todos os grupos exerciam: a alimentação e o cuidado de crianças pequenas, como se comprova em várias pinturas e esculturas.

Jaqueline Morley e David Salariya (1999) relatam que as mulheres nas famílias mais pobres trabalhavam em casa, nos campos ou ajudando no ofício de seus maridos. Elas faziam muitas coisas que podiam ser



Figura 4 - Pintura mural de um túmulo retratando trabalhadores arando os campos, a colheita das culturas e a debulha de cereais sob a direção de um supervisor.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Portal:Antigo_Egito/Imagem_destacada/1

Na figura 5 temos um retrato do trabalho da mulher egípcia e o de suas funções artesanais como a fabricação de pão e cerveja, fiação e tecelagem.

Segundo Amanda Wiedemann (2007, p. 111), baseada nas ideias de Bernadette Menu, a condição feminina sofreu um processo não-linear ao longo do período faraônico, já que, em época de

usadas em troca como: fiação, tecelagem, cestaria, pão, cerveja etc, e deste modo contribuíam muito para o ganho da família. No entanto, as mulheres mais ricas se orgulhavam em não ter de trabalhar.

A arte egípcia retrata claramente as ocupações de cada um. Aos homens eram dadas as oportunidades de trabalho e vida social. As mulheres, raramente, eram representadas em cenas relativas às atividades agrícolas, como podemos notar na arte da pintura mural (**figura 4**), em que duas mulheres fazem a debulha dos cereais junto aos homens.



Figura 5 – Modelo de tecelagem do nobre Meketre, Reino Médio, XIX Dinastia. Museu Egípcio Nacional, Cairo – Egito <http://www.amorc.org.br/destaques/destaque20.html> <http://www.amorc.org.br/destaques/destaque20.html>

descentralização ou enfraquecimento do poder central, havia a emergência de poderes menores de âmbito local, o que piorava as condições de vida das mulheres. De maneira geral, as diferenças estavam presentes também nos assuntos econômicos das classes dirigentes. O poder repousava em mãos masculinas que ocupavam grandes cargos públicos e recebiam uma renda em cereais e outros bens, enquanto as mulheres estavam praticamente excluídas da burocracia e da possibilidade de participarem dos ganhos provenientes desta.

A representação iconográfica da figura feminina

Segundo Cardoso (2003, p. 95), há escassez de representações imagéticas da mulher nas aldeias camponesas. É como se estas não trabalhassem lado a lado com seus maridos. Assim, para o autor “(...) as reconstituições de base única ou predominantemente iconográfica são sujeitas à caução, sendo muitos os fatores culturais capazes de induzir distorções”.

Algumas representações imagéticas (vide figura 6) confirmam a tese de Cardoso do trabalho da mulher junto ao seu esposo no campo.

Assim, a situação das mulheres no Egito é claramente definida na decoração mais antiga de túmulos quanto ao papel que lhes é atribuído. Nele, a hierarquia inicia-se pela esposa, ou, por vezes, a mãe, do proprietário do túmulo.



Figura 6 - Casal de camponeses egípcios ceifando trigo. Detalhe de uma pintura mural da tumba de Sennedjen em Deir-el-Medina, Egito.
<http://cpantiguidade.wordpress.com/author/marciocpa/>

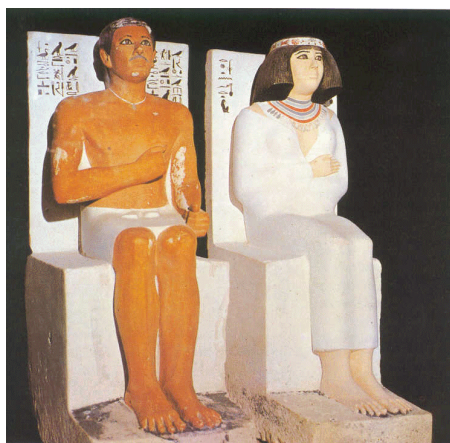


Figura 7 – Rahotep e sua esposa
www.aprendoartehistoria.wikispaces.com

Elas são retratadas, geralmente, sentadas, a uma mesa de oferendas, numa estátua de grupo ou junto ao seu esposo, como vemos na figura 7.

Por vezes, ela acompanha o marido quando este observa cenas de trabalho, mas ela é representada, com mais frequência, à mesa de oferendas, parte importante e litúrgica de sua religiosidade.

No entanto, necessário se faz abordar as mulheres que marcaram a história egípcia com honras de “senhora da casa” e regente, como Ahotep I (vide figura 8).

Ela era mãe do faraó Ahmósis, que libertou o Egito dos hicsos e reunificou o país. Após sua morte, foi honrada pelo filho com as mais altas condecorações militares. Exerceu o papel de regente, durante um período extremamente conturbado da história egípcia, após a morte do seu filho mais velho em batalha, exercendo o poder até a maioridade do seu filho mais novo (Christiane Desroches NOBLECOURT, 1994).

No Império Novo, as mulheres passaram a ter uma importância muito maior, assim como o seu vestuário passa a ser mais esmerado e o conteúdo erótico das cenas em que são representadas, mais definido, se bem que ainda muito codificado. O período tardio regressa praticamente ao antigo decoro.

Quanto às questões legais, as fontes provenientes do Reino Médio (primeira metade do segundo milênio), indicam que mulheres podiam agir em



Figura 8 - Detalhe da tampa do sarcófago da rainha Ahotep I. Museu egípcio do Cairo, Egito. <http://cpanti-guidade.wordpress.com/author/marciocpa/>

justiça, diante dos tribunais, fosse como querelantes, defensoras ou testemunhas em igualdade com os homens, o que não ocorria em outras culturas em que era necessária a existência de tutores para as mulheres.

Direitos e deveres da mulher na atualidade

Embora o ato de sair de casa para trabalhar possa ter libertado algumas mulheres do passado e do estigma de “senhoras da casa” nos dias de hoje, as mulheres egípcias não encontraram nenhum reconhecimento e estão optando por retomar a tradição. Apesar de serem classificadas com igualdade, na história antiga, atualmente o Egito está classificado em 120º lugar entre 128 países em relação à igualdade entre os sexos no relatório do Fórum Econômico Global, nas subcategorias, quanto à emancipação política e oportunidades reais para o sexo feminino na economia.

A situação não difere dos tempos faraônicos, conforme relata, em entrevista a Mona El Naggar (2010), Iman Bibars, presidente da Associação para o Desenvolvimento e Valorização da Mulher, com sede no Cairo: “mais mulheres estão trabalhando, mas nem todo trabalho é libertador”. Bibars acrescenta: “apenas as mulheres de classe mais abastada podem se dar ao luxo de ter ambição”. Por serem, em sua maioria, pertencentes à classe média ou baixa, “o analfabetismo feminino continua a ser elevado”. A mais recente Pesquisa do Mercado de Trabalho Egípcio concluiu, segundo ela, que “47% das mulheres rurais e 23% das mulheres urbanas não sabem ler nem escrever” (Mona EL NAGGAR, 2010).

Na mesma reportagem, feita para o *The New York Times*, Mona El Naggar reproduz uma opinião feminina de que retornar à tradição faraônica as levará a caminhos destinados apenas aos homens: “Eles é que devem carregar o fardo e prover para sua família. Uma mulher se destina a dar amor, carinho e ser protegida. Ela não deveria estar fora de casa o tempo todo”.

A repórter também informa que um estudo recentemente realizado pelo Centro de Pesquisas “Pew”, em associação com o *International Herald Tribune*, declarou que o Egito surgiu como um país onde as mulheres têm uma posição secundária no mercado de trabalho em

relação aos homens e a igualdade de direitos é um “objetivo” muito mais do que uma realidade. Dos entrevistados no Egito, 61% disseram que as mulheres devem poder trabalhar fora de casa, mas 75% disseram que, quando os empregos são escassos, os homens deveriam ter mais direito ao trabalho”.

Segundo estatísticas reveladas no *The New York Times*, as mulheres no Egito ocupam apenas oito das 454 cadeiras do Parlamento e cinco delas foram indicadas pelo presidente. Há apenas três ministras e nenhuma mulher entre os 29 governadores do país. A notícia vai um pouco além:

Quando as mulheres pediram a oportunidade de se tornar juízas do Conselho de Estado, a mais alta corte do Egito, a assembleia geral do conselho votou contra, argumentando que a disposição emocional da mulher e seus deveres maternos a tornam imprópria para o cargo. A decisão foi revogada em março, depois que o primeiro-ministro Ahmed Nazif recorreu ao Tribunal Constitucional, mas nenhuma mulher foi indicada até agora. (Mona EL NAGGAR, 2010)

Assim, discursamos acerca do que é ser o feminino ao longo da história. As relações constituem um meio de compreender a representação social das mulheres nas diversas sociedades e épocas, mas faz-se necessário, ainda, resgatar um papel que sempre foi relegado a uma posição secundária quando, com justiça, deveria ser igualitário. Isso faz com que as mulheres não vejam tantas perspectivas no futuro e as faz não retornar ao passado, passado em que, ao que parece, havia maior compreensão e reconhecimento do papel feminino.

Considerações Finais

Por esse discurso, percebemos que à mulher contemporânea, apesar dos tempos e das mudanças, ainda são reservadas condições iguais às do passado. O trabalho, estudo, política não se abriram para a sociedade comum, mas continuam a pertencer a uma pequena porcentagem elitizada. Assim, os menos abastados ainda sofrem com os direitos desiguais.

Em seu discurso intitulado “Trabalho, mas não liberdade para as egípcias”, Bibar aponta que “o novo”, permanece ainda “antigo”, ou seja, o status social da mulher depende da família: “casar, gerar, cuidar de sua família”. Se, quando solteira, a mulher pertencia a seus pais, ao se casar passa a pertencer ao seu marido. Pode-se chamar a isso de liberdade? De direitos iguais? – questiona Bibar.

Apesar das limitações impostas e das generalizações inerentes à tentativa de se abarcar o longo período faraônico, procuramos demonstrar, de maneira sucinta, que os textos e a imagética no Egito antigo devem, segundo os estudiosos, serem encarados como reflexo do ideal de uma minoria, uma elite masculina por excelência, e não como o registro de uma realidade vivida por todas as mulheres daquela sociedade.

Os autores estudados documentam que os direitos legais das egípcias não se estendiam efetivamente a todas as mulheres já que, de certa forma, a igualdade entre os sexos tinha que encontrar um respaldo na riqueza e na base familiar. As áreas como o direito e a política têm pouco espaço para mulheres de origens modestas.

Assim, segundo Robins (1996), não devemos permitir que a grande visibilidade das mulheres, na arte egípcia, obscureça o fato de que existia a distinção de sexos como parte da estrutura formal da sociedade e que, em geral, as mulheres ocuparam uma posição secundária em relação aos homens, ao longo de toda a história antiga do Egito. Portanto, cabe aqui concordarmos com Bibar: “trabalho, mas não liberdade para as egípcias”.

Referências bibliográficas

BAINES, John, MALIK, Jaromir. **Cultural Atlas of Ancient Egypt, revised**. Oxford;; Ed. Andromeda Oxford Limited, 2004, 2008.

BUDGE, E. A. Wallis. **A magia egípcia**: pedras, amuletos, fórmulas, nomes e cerimônias mágicas. Tradução Laura Gláucia Ceciliato. São Paulo: Madras, 2003.

CARDOSO, Ciro F. S. **Trabalho compulsório na antiguidade**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003.

EL NAGGAR, Mona. **Trabalho, mas não liberdade, para as egípcias**. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/mundo/nyt/trabalho+mas+nao+liberdade+para+as+egipcias/n1237722955758.html>>. Acesso em The New York Times (19/07/2010, 16h29). Pesquisa efetuada em 002 de Junho de 2010 no site: <http://ultimosegundo.ig.com.br/>

[mundo/nyt/trabalho+mas+nao+liberdade+para+as+egipcias/n1237722955758.html](http://mundo.nyt/trabalho+mas+nao+liberdade+para+as+egipcias/n1237722955758.html).

JACQ, Christian. **O Egito dos Grandes faraós**. Porto: ASA, 1999.

_____. **As egípcias: retratos de mulheres do Egito Faraônico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

LESKO, Bárbara. **The Remarkable women of Ancient Egypt**. United States of America: Scribe Publications, 1987.

MORLEY, Jacqueline. SALARIYA, David. **How Would You Survive As an Ancient Egyptian?** – Publisher: Orchard/Watts Group, 1999.

NOBLECOURT, Christiane Desroches. **A mulher no tempo dos faraós**. Campinas: Papyrus, 1994.

ROBINS, G. “Some Principals of Compositional Dominance and Gender Hierarchy in Egyptian”. In: **Journal of the American Research Center in Egypt**. The American Research Center in Egypt, v. XXXI, 1994, p. 36.

ROBINS, Gay. **Las Mujeres en el Antiguo Egipto**. Madrid: Akal, 1996.

SALLES, Catherine. **Larousse das Civilizações Antigas**. vol. I (Dos Farás à Fundação de Roma). São Paulo: Larousse, 2006.

SOUZA, Anna Cristina Ferreira de. **Nefertiti: sacerdotisa, deusa e faraó: androginia e poder nas imagens de Amarna**. Dissertação. Mestrado. Niterói: UFF, 2003

WIEDEMANN, Amanda. **A questão de gênero na literatura egípcia do II milênio a.C.** Niterói. 358 f. Tese. Doutorado em História. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Niterói: UFF, 2007.